



Festa a São Benedito: da Rabeca à Marujada

The Festival of São Benedito: From the Rabeca to the Marujada

Ozian de Souza Saraiva

Doutorando do PPGSA da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Flávia Cristina Silveira Lemos

Professora Titular da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Manoel Ribeiro de Moraes Júnior

Professor Adjunto da Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Resumo: Este artigo é resultado de uma pesquisa sobre a rabeca bragantina e sua relação com a Festa da Marujada – também conhecida como Festa a São Benedito (O Santo Preto). Neste contexto, a rabeca é um instrumento melódico de origem entre o mundo de fala árabe e o contexto em contorno pelo Mediterrâneo. Documentada como originária dos tempos da Idade Média na Europa Ocidental, de algum modo, ela é precursora do violino. Segundo Barbosa (2013), a rabeca tornou-se prevalente na Península Ibérica, no período de invasões dos mouros. Sua chegada ao Brasil advém dos portugueses, no período da colonização, século XVI. A recepção social desse instrumento se tornou um estofa para a criação do violino, na Itália, ao final do século XVI e início do XVII, período em que os primeiros violinos foram fabricados com uma proposta de um novo timbre, ou seja, mais límpido e mais apreciados pela nobreza. Portanto, é um instrumento muito presente na história musical em Portugal até o século XIX e, no Brasil, tem sua estada desde o século XVI, na qual está presente em várias regiões do país, tais como: Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo, em todo o Nordeste, no Rio Grande do Sul e no Norte do Estado do Pará, em particular, no município de Bragança, onde ganha vulto na Festa a São Benedito. Neste festejo, tem um papel extremamente importante, pois é considerada pelos rabequeiros e devotos bragantinos como uma “arma” e, até mesmo, é classificada como a “voz” da Marujada. Este lugar conferido à rabeca traz importante valor em termos dos modos de vida cotidianos do povo bragantino, pois é uma síntese de afeto, cultura, sociabilidade e expressão religiosa.

Palavras-Chave: Rabeca, São Benedito, Festejo, Religiosidade Bragantina, Música.

Abstract: This article is an essay about the rabeca from Bragança, in relation to the Festa da Marujada, also known as the Festa a São Benedito, the Black Saint. The rabeca is a melodic instrument of Arab origin, dating back to the medieval period, and is a precursor to the violin. According to Barbosa (2013), the rabeca became prevalent in the

Recebido em: 01 abr. 2024 - Aprovado em: 20 jul. 2024.

Iberian Peninsula during the period of Moorish invasions. Its arrival in Brazil came through the Portuguese during the colonization period in the 16th century. The social reception of this instrument laid the groundwork for the creation of the violin in Italy at the end of the 16th century and the beginning of the 17th century. During this period, the first violins were crafted with the intention of producing a new timbre, which was clearer and more appreciated by the nobility. Therefore, the rabeca was very prevalent in Portugal until the 19th century and has been present in Brazil since the 16th century. It is found in various regions of the country, such as Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo, throughout the Northeast, Rio Grande do Sul, and in the northern part of the state of Pará, particularly in the municipality of Bragança, where it plays a significant role in the Festa a São Benedito. In this celebration, the rabeca holds an extremely important role, as it is considered by rabequeiros (rabeca players) and devout Bragantinos to be a "weapon" and is even classified as the "voice" of the Marujada. This esteemed position of the rabeca carries significant value in the daily lives of the people of Bragança, as it represents a synthesis of affection, culture, sociability, and religious expression.

Keywords: Rabeca, São Benedito, Festival, Bragantino Religiosity, Music

Introdução

Este artigo é um ensaio a respeito da rabeca bragantina a partir da relação com a Festa da Marujada, também chamada de Festa a São Benedito, o Santo Preto. A rabeca é um instrumento musical de origem árabe, datando o período medieval, sendo precursora do violino. Segundo Barbosa (2013), a rabeca tornou-se popular na Península Ibérica, no período de invasões dos mouros.

Sua chegada ao Brasil advém dos portugueses, no período da colonização, século XVI. A recepção cultural desse instrumento se tornou um estofa para a criação do violino, na Itália, ao final do século XVI e início do XVII, período em que os primeiros violinos foram fabricados com uma proposta de um novo timbre, ou seja, mais límpido e mais apreciados pela nobreza.

Portanto, é um instrumento muito popular em Portugal até o século XIX e, no Brasil, tem sua estada desde o século XVI, na qual está presente em várias regiões do país, tais como: Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo, em todo o Nordeste, no Rio Grande do Sul e no Norte do Estado do Pará, em especial, no município de Bragança, onde ganha vulto na Festa a São Benedito.

Neste festejo, tem um papel extremamente importante, pois é considerada pelos rabequeiros e devotos bragantinos como uma "arma" e, até mesmo, é classificada como a "voz" da Marujada². Este lugar conferido à rabeca traz importante valor em termos dos modos de vida cotidianos do povo bragantino, pois é uma síntese de afeto, cultura, sociabilidade e expressão religiosa (LEMONS, MORAES, 2003; SILVEIRA, MORAES, 2017).

A rabeca bragantina tem sua fabricação completamente artesanal, sendo realizada na própria região nordeste paraense. Sua estrutura traz elementos da

² O termo "Marujada" vem de Marujo – Homem do mar, que navega, trabalha e tira seu sustento do mar. Aplica-se também ao sexo feminino: "maruja"

botânica, sendo constituída no contexto da sociobiodiversidade da região bragantina. Este instrumento contém quatro cordas e seu formato difere um pouco do violino, sobretudo, porque a sua estrutura pode lembrar uma pêra, tendo a parte superior do corpo menor que a inferior.

A rabeca bragantina recebe também um arco botanicamente instigante, obtido de uma planta regional chamada popularmente de Manilha, a *Ananas sp*, da família *Bromeliaceae*, cujo as fibras que entram em atrito com as cordas emitem um som tipicamente bragantino, em sua gênese cultural e religiosa dentro da festividade ao Santo preto.

A rabeca é tocada no peito, mas também no queixo. Pode ser chamada de violino bragantino, porém, é mais que isso, uma vez que é um instrumento regionalizado, mais característico de um território que se tornou espaço de festejos com intenso trânsito religioso. Ser adjetivada como rabeca bragantina é um modo de levar o sobrenome e a filiação da cidade em que exalta a cultura deste povo, ou seja, como se de fato fosse uma filha, pois enobrece e cinge quem a faz ao ponto de mesclar religião e cultura.

Ela põe à baile os marujos e marujas todos os anos ao som de seu ecoar que sustenta uma multiplicidade de vozes sob a mira de sua “arma”, ressonado um som típico, inconfundível, apreciado e exuberante, o som da rabeca bragantina. Podemos dizer que há um *ethos* religioso e marcado por uma diversidade sociocultural, bem como etnobotânico na festividade de São Benedito, em Bragança, através da fabricação e utilização da rabeca, na festa da Marujada.

Nesse âmbito, busca-se pensar aqui como a rabeca bragantina traz elementos do sagrado e do profano nas esferas cultural e religiosa. Nesta perspectiva, a problematização que nos traz um olhar perspectivo do *ethos* religioso na festa da Marujada, em Bragança tem relação com a rabeca que se mantém “viva” no acontecer da festa religiosa. Desde o processo da fabricação da rabeca pelos mestres (elemento da cultura material) e seu uso pelos músicos dentro da festa religiosa da Marujada, há a exposição da existência de um *ethos* de locomoção, ou seja, um *ethos* que se move entre a cultura material e a religiosa.

A Marujada é também uma festa ao sagrado, portanto, uma festa tanto sagrada, sendo mais ampla do que pode se ver quanto se torna ao mesmo tempo profana, independentemente da existência de danças aparentemente com finalidade endógena (interna), pois, a festa é uma louvação, momento de alegria e gratidão a São Benedito.

1 Etnografia da Festa ao Santo Preto sob a rabeca bragantina

No processo de construção social, é importante afirmar que “a objetividade do mundo social significa que este faz frente ao homem como algo situado fora dele”, assim podemos compreender que “o homem é capaz de produzir uma realidade que o nega”, sendo este mesmo homem o produtor de um mundo.

A produção humana de sinais, chamada pelos autores de “significação” é de forma decisiva para eles, um ponto especial da objetivação. Um elemento, objeto, instrumento de uso social comum, como exemplo uma arma que tem originalmente a finalidade de caçar animais pode tornar-se sinal de agressividade e violência, pode receber uma significação de acordo com o uso em determinada atividade social e religiosa.

A obra de Peter Berger (1985) acrescenta mais no campo epistemológico a respeito do conhecimento sociológico na construção social da realidade. O livro foi

escrito bem depois da obra *A construção social da realidade*, trabalho que guiará em reflexão rumo a compreensão da realidade do campo. Nele, Berger expõe de forma mais clara e objetiva o que detalhou no trabalho anterior com Luckmann.

Da obra *O Dossel Sagrado*, o primeiro capítulo me interessou diretamente, no qual o autor abordou a religião como construção e como manutenção do mundo, juntamente com os dois anexos do livro apresentando-nos as definições sociológicas da religião e as suas perspectivas teológicas e sociológicas. Nesta análise sociológica e religiosa, a interação do indivíduo como os outros na mesma sociedade efetua nele indispensavelmente uma vida cotidiana. Neste cotidiano, a realidade (objetiva) se apresenta como uma prova da interação do indivíduo com o meio, por intermédio da linguagem que possibilita a engrenagem do conhecimento. Pode-se dizer que no mesmo caminho, os autores Berger e Luckmann (2014, p.85) apontam ligações do indivíduo e o todo, ou seja, seu meio social.

Assim, afirmam em passos, que a sociedade é um produto humano; a sociedade é uma realidade objetiva; e que o homem é um produto social. Uma construção social que se intercambiam simultaneamente num processo dialético e flexível. A construção social acarreta num desdobramento de manutenção, seja cultural e/ou religiosa, independentemente de classes ou etnias, um processo para uma manutenção do universo, que vai desvendar uma realidade subjetiva, ou seja, uma compreensão dos processos de interiorização de realidades, tanto de socializações primárias como secundárias.

E, quando se foca em compreender um fenômeno sociorreligioso, ou até sociocultural e religioso, se faz necessário observar alguns aspectos em uma abordagem das ciências da religião. É fundamental tal abordagem, para o reconhecimento do campo em sua esfera social e cultural, quando trata-se de um empreendimento científico com análises de um movimento religioso, seja ele empírico ou epistemológico

O instrumento rabeça passa claramente por um processo de significação na Marujada. Desde a fabricação, como um instrumento musical de valor e representação singular e particular dos mestres, até a representação cultural plural de forma ordenada, seus elementos de formulação, sua gênese natural, até à sonoridade e apresentação na festa, onde é respeitada como a *arma* ou a *voz* da Marujada.

Foi produzida no decorrer dos tempos da festividade a significação que a rabeça marca a Marujada, como afirmam a maioria dos entrevistados a respeito da possibilidade de desvincular, retirar a rabeça da festividade, ou de atrelá-la a outra festa religiosa.

Os demais instrumentos, tanto percussivos quanto harmônicos, são ofuscados diante da presença da rabeça, outros que tentam ingressar no campo musical da Marujada, como o violino e o violão, precisam aos poucos passar por um processo que pode ser interpretado como um pedido de licença cordial para adentrar a parte musical da Marujada, mesmo sendo claro a impossibilidade de assumirem o seu lugar de destaque entre os instrumentos na festividade.

É bem compreensível que este processo não seja tão simples de ser absorvido por todos em seu aspecto subjetivo objetivado por meio da significação, pois existe uma “grande imprecisão entre o uso instrumental e o uso significativo de certas objetivações”. O uso instrumental é mais simples de ser percebido. Com a rabeça este uso instrumental é composto da fabricação e uso como um instrumento musical

melódico, similar estruturalmente com o violino. Já o uso significativo, ou a significação, se dá quando é tocada na Marujada pelos músicos rabequeiros.

Tanto o uso instrumental como significativo podem conduzir um processo de compreensão cultural e religiosa a respeito da rabeca. É possível compreender ou assimilar apenas uma forma de uso. Desta forma, a não compreensão em relação à Marujada ser também uma festa ao sagrado e não simplesmente uma parte profana da festa de São Benedito, ou compreender que a rabeca não faz parte simplesmente de uma cultura material, mas adentra a esfera da festa religiosa pela significação. Sendo assim, a rabeca é um elemento muito relevante da cultura religiosa dentro da Marujada.

Esta realidade na Marujada é perceptível e bem presente, mesmo que exista um pano de fundo obscurecendo esta percepção. Assim, é possível analisar as ciências da religião por meio da etnografia para compreender os aspectos atuais da festividade beneditina, segundo a observação dos músicos e mestres em consonância com a Marujada. Nesse aspecto, tivemos recursos utilizados por meio fonográfico para realizar também esse texto-música-festa, tais como: gravações de áudios e filmagens, fotografias, caderno de campo e transcrições de áudios durante a Festa da Marujada.

Contudo, a imersão no campo aconteceu de quatro formas: a) em dias específicos da festa da Marujada, do início ao fim, acompanhando todo o processo da festividade com registros de fotos, vídeos e anotações de situações consideradas importantes; b) em dias especiais da festa de São Benedito, a exemplo do dia 18 de dezembro quando as comitivas chegam na cidade de Bragança; c) permanecendo no campo durante uma semana, acompanhando todo o processo de fabricação da rabeca com registros de fotos e anotações e d) viagens às regiões de retirada das plantas para a fabricação da rabeca. Vale ressaltar, que as idas a campo aconteceram de forma negociada sempre, preservando sigilo e sem exposição com danos a qualquer pessoa ou grupo.

Buscou-se analisadores por meio de visitas ao Barracão da Marujada e no Museu da Marujada, na observação dos Mestres rabequeiros e dos Músicos da Regional da Marujada. Em geral, são músicos que fazem parte do Grupo Regional da Marujada; que fabricam rabecas, sendo que são reconhecidos pelo trabalho na região e têm rabecas que foram fabricadas em destaque nas apresentações da marujada. Há um cuidadoso trabalho de confecção da rabeca com as plantas utilizadas na fabricação do instrumento que mostram a relação artesanal com a afetiva sendo tecida em meio ao ritual sagrado e profano da festividade.

Portanto, as análises históricas, sociais, antropológicas, artísticas e religiosas já se debruçaram e algumas ainda continuam em elaboração de trabalhos de conclusão de cursos de graduação, artigos científicos, dissertações e teses, em prol da festividade, o que mostra um campo propício aos estudos de quem se interessa em pesquisar os modos de vida cotidianos no acontecer das festas religiosas que são manifestações culturais.

Dentre os estudos sobre a festa de São Benedito foram catalogados diversos trabalhos sob diversas óticas, como: histórica, antropológica, sociológica, matemática, entre outras. Em relação à Marujada, especificamente, o número é considerado pequeno. Já, em relação à rabeca como instrumento e aos músicos e mestres que a fabricam, existem pesquisas relevantes, porém, vale frisar que os trabalhos não objetivaram análises no campo da ciência ou nos estudos da religião.

A rabeca na sua construção e uso religioso na festividade e a participação dos músicos com suas integrações na festa traz um diferencial e relevância em estudos da religião como para a comunidade local, quando lançando mais uma vez o olhar para suas atividades religiosas e culturais como comunidade que podem desenvolver-se, divulgando suas práticas.

Outro ponto relevante é a necessidade de atualizar dados sobre os músicos e os mestres da Marujada, pois as pesquisas publicadas em diversas plataformas ultrapassam dez anos. Contudo, a realidade do campo já está modificada há algum tempo pela morte de mestres fabricantes de rabeca e músicos que tocavam na Regional da Marujada. E, na ausência destes mestres e músicos, novos mestres e novos músicos estão dando continuidade à festividade.

Novos músicos têm adentrado à Regional da Marujada – diga-se de passagem e com relevância – com uma pluralidade de religiões. Modificações também na formação instrumental das danças da Marujada. Instrumentos que outrora participavam apenas em momentos ociosos para descanso dos músicos titulares, agora acompanham as danças praticamente integrado ao grupo.

As aparelhagens de som já assumem lugar nas festividades em municípios próximos a Bragança, a exemplo: Vila Fátima. Existe a possibilidade de não se ter mais a rabeca e conseqüentemente os demais instrumentos na prática da música ao vivo nas festividades de Bragança. Quem toca atualmente é a Banda Regional da Marujada, que se reúne apenas nas vésperas da festividade beneditina. A formação padrão da Banda Regional da Marujada é o banjo, responsável pela harmonia; o tambor e o pandeiro, responsáveis pelo ritmo, e a rabeca, responsável pela melodia.

A formação desde 2000 com o violão presente não caracteriza que ele pertença a Regional, mas que somava na harmonia. O violão não aparece nas formações oficiais posteriores, e continua atuando de forma coadjuvante, abaixo do banjo. A rabeca recebe o lugar de destaque não só por levar a melodia, mas por evidenciar o canto da Marujada e penetrar a mente de todos os que ouvem os ritmos dançantes entoados na festividade.

A rabeca não é o único instrumento utilizado na Marujada, porém, sua fabricação destaca-se na região por ser considerada a *arma da marujada*. Existe em Bragança entre os mestres fabricantes de rabeca os que também fabricavam outros instrumentos, como o banjo. Juntamente com a rabeca, integram a festa: o tambor, o banjo, o pandeiro e mais recentemente de forma não figurante, o violão.

No decorrer dos anos, o violão e o violino se aproximaram na festividade, compondo a festa em parte dos rituais festivos da Marujada. Portanto, há mais de 15 anos, o violão integra os instrumentos sonoros da Marujada, mesmo que de forma não oficial, pois não faz parte da composição da banda oficial, a Regional da Marujada, composta apenas por quatro instrumentos (banjo, tambor, pandeiro e rabeca).

Existem *luthiers* que fabricam violões na região bragantina. É um instrumento mais popular e de fácil aquisição, podendo ser encontrado em diversos locais e regiões. O violão não recebe ênfase na fabricação como componente cultural e religioso bragantino em prol da festa da Marujada. Não se pode dizer a mesma coisa sobre a fabricação e uso da rabeca.

No decorrer dos anos, o número de rabecas fabricadas sofreu um declínio e isso se deu pela ausência de mestres para sua fabricação. Várias situações contribuíram para este declínio, que vão desde a limitação dos mestres fabricantes, passando pelo

número reduzido de músicos rabequeiros, chegando até a escassez de recursos e apoio mais contundente das instituições governamentais e religiosas.

Os atores na festividade sob a ótica de pesquisa são os mestres construtores da rabeça e os músicos que a tocam na marujada. Eles compõem e participam de forma integrada à cultura material e religiosa na cidade. Percebe-se claramente a existência de uma interlocução religiosa em meio a este percurso festivo, apresentando ser múltiplo em relação à religião declarada pelos atores na Marujada. A multiplicidade vai de católicos devotos de São Benedito, permeando por uma negação de pertença religiosa (ateísmo) até os que se denominam cristãos evangélicos da Igreja Assembleia de Deus – Missão.

Assim, analisa-se a força expressiva desta festividade que promove uma interlocução religiosa em torno do sagrado e os aspectos culturais que expliquem o envolvimento destes indivíduos no meio social, cultural e religioso em prol da Marujada. E, com os resultados obtidos nesta pesquisa torna-se possível colocar em discussão os aspectos culturais e religiosos da festa na perspectiva de um instrumento musical que ultrapassa seu universo material com uma força para elevar-se como um elemento indispensável na esfera religiosa da festa.

O Brasil é um país multicultural e dentro desta esfera da cultura celebra, o paraense, durante o ano uma diversidade de festas tanto culturais como religiosas. O que permite a construção de uma sociedade rica em contextos religiosos e culturais, ou seja, capaz de inserir os indivíduos socialmente por meio de seus contextos e elementos constitutivos.

A festa a São Benedito contempla um período – dos preparativos à festa propriamente dita – desde o mês de maio até dezembro, onde se inicia um ciclo de atividades festivas no dia 8, perpassa pelos dias 25 e 26 de dezembro de cada ano, com a Marujada e encerra dia 01 de Janeiro com a festa de Ano Novo.

O centro teórico da pesquisa reflete na investigação do *ethos* religioso através da fabricação e uso da rabeça assim como em análises sobre a esfera da Marujada como festa sagrada e/ou profana. O *ethos* para Clifford Geertz, evoca valores, estilos de vida assim como disposições morais e estéticas. Este “*ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve”. (GEERTZ *apud* TEIXEIRA, 2011, p.209)

Esta pesquisa se desenvolveu na hipótese da existência de um *ethos* religioso, ou seja, hábitos/crenças, costumes comportamentais na festividade beneditina, denominada também de festa bragantina, por ter traços específicos de Bragança na ação ritualística da festa, como por exemplo, o período (dia e o mês) da festa e os elementos constituintes na fabricação da rabeça (plantas da região). A fabricação e uso específico da rabeça para a marujada é um destes traços.

Lançamos luz na prática da festa como uma louvação ao sagrado. A festa contém elementos, como as danças inseridas dentro do macro festividade ao Santo Preto. Através, das análises do objeto de estudo, foi revisado o local de atuação e como este *locus* (Marujada) é percebido e vivenciado por alguns atores da festa (mestres e músicos), dentro e fora da festividade, no que se refere ao sagrado e profano.

A cidade de Bragança, na qual tem festejos comemorativos comuns a outras cidades do Estado do Pará. Festas culturais, como: a São João (junina) no mês de junho; e festas religiosas como Nossa Senhora de Nazaré e a São Benedito (o santo

negro), esta última ocorre no mês de dezembro. Bragança-PA situa-se no norte do Brasil, região amazônica e mesorregião nordeste do Estado do Pará, município de Bragança. Localizado na Costa Atlântica, a 195 km da Capital – Belém.

A região comporta três unidades de conservação: 1) Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu; 2) Área de Proteção e Preservação Ambiental da Ilha do Canela e 3) Reserva Extrativista Federal Marinha de Tracuateua. Contém em sua vegetação: Floresta Secundária, atingindo vários estágios de regeneração. Florestas de Várzeas; Manguezais; Restinga e Campos Naturais. Tem um clima equatorial super úmido, com temperatura máxima de 33°C e mínima de 18°C. Geralmente nos primeiros seis meses do ano está o período chuvoso.

As atividades produtivas do município são comércio e turismo. Destaque para a produção de farinha da região conhecida, nacionalmente por sua qualidade, sendo exportada para diversas partes do país. No turismo, a Festa a São Benedito e a Marujada, ganham destaque, onde atraem turistas do Brasil e do exterior a cada ano para conhecer e acompanhar a festividade. Nesta época, os poucos hotéis da cidade ficam lotados, gerando um considerável aumento da renda no município.

Uma atividade cultural da cidade é a celebração em todos os anos da Festa a São Benedito, festividade que no Pará, teve início na região e se expandiu para os municípios vizinhos.

2 A Festa a São Benedito: de como se faz a artesanaria

A festa a São Benedito em Bragança é subdividida em várias etapas. E, os pontos de ações principais da festa é: 1) *Esmolações* que ocorrem dos meses de maio a 18 de dezembro, com visitas, folia de chegada, folia da alvorada, donativos, rezas, ladainhas, folia de despedida e folia de esmolação; 2) *Procissão Fluvial*: que funciona como rito de passagem para outra etapa da festa – a Marujada; 3) *Alvorada*: é um ritual de abertura no dia 18 de dezembro, uma convocação aos marujos e marujas; 4) *A Marujada*: abrange alguns rituais dentro dela, porém é a parte das danças – onde o instrumento rabeca entra em ação – que recebe destaque na festividade. As danças da Marujada são: Roda, Retumbão, Chorado, Mazurca, Xote, Contradança. Em seguida, tem-se o 5) *Almoço*: que promove uma espécie de comunhão do santo com seus devotos, acontece no dia 26 de dezembro.

Já, o ponto de número refere-se a *Cavahada* que é uma competição e, também diversão com uso de animais (cavalos) utilizando as cores brancas, azuis e vermelhas. Porém, tem-se muitos participantes sem a vestimenta padrão, utilizando roupas comuns.

No *Leilão*: etapa da festa onde as doações dos promesseiros são leiloadas, com muita alegria e variedades de valores dos objetos e animais leiloados em prol da manutenção da festa. Na 8) *Procissão*: onde os marujos e marujas, homens, mulheres e crianças, devidamente fardados, a grande maioria, vestindo roupas e chapéus com cores, vermelho e branco, mais adereços coloridos nos chapéus das marujas. Autoridades eclesiais, civis e militares se reúnem no mesmo espaço para o trajeto em que o “santo” deixa a Igreja e vai às ruas da cidade, caracterizando assim, a tarde do dia 26 de dezembro.

E, por fim, 10) a *Despedida*: que acontece pela passagem de ano, no dia 31 de dezembro para 01 de janeiro, acontece durante os dois dias inteiros, encerrando no final do primeiro dia do ano, dia 31 a apresentação é em azul e branco e dia 01 de

vermelho e branco. Os preparativos que envolvem a festa ocorrem desde o mês de maio quando as comitivas (1. das Praias, 2. das Colônias e 3. dos Campos) iniciam um traslado por toda a região e arredores de Bragança, até chegar o mês de dezembro, no auge da festividade.

A religiosidade bragantina abrange diversas pessoas de diferentes credos e religiões. De católicos (religião à qual a festa de São Benedito é alicerçada) a evangélicos (músicos e mestres fabricantes de rabeca que pertencem à Assembleia de Deus), participam das festividades anuais ao Santo Preto, de forma direta e indiretamente.

A festa é dividida em várias etapas e ações, organizada historicamente por uma comissão formada para este fim, a Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança – IMSBB, que já auxilia nesse evento, como sociedade civil, há mais de 30 anos. A organização da festa é realizada pela Diocese de Bragança do Pará; Paróquia de Nossa Senhora do Rosário; e a Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança - IMSBB.

Ao longo da história da festividade bragantina houve conflitos entre a Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança - IGSBB e a Igreja Católica no século XX. Com a transformação da Irmandade em sociedade civil, houve maior liberdade e disseminação da cultura dentro da festividade; a então IGSBB passa a partir de 1985 a se chamar Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança - IMSBB, o que fortaleceu em especial a Marujada.

Sobre o início da formação de irmandades que resultará tempos depois na formação da IMSBB, Moraes afirma que:

A criação de irmandades negras, sob o véu de proteção da religião cristã, foi um fator decisivo para a permissão e apoio dos senhores escravagistas. Sob a tutela de Nossa Senhora do Rosário, ou de outro santo padroeiro, os negros conseguiram um espaço para expressar seus direitos de escolha por meio da coroação de um líder e, durante um breve intervalo de realização da festa, havia uma quebra na rotina da vida sofrida de homens presos em cativeiro. Este momento servia para mitigar as tensões entre brancos e negros ou senhor e escravo. (MORAES, 2006, p.39).

Expressa ainda que

O registro da fundação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Belém data do dia 9 de agosto de 1682. Foi a segunda irmandade de negros fundada no Brasil. A primeira foi no Rio de Janeiro em 1939. (MORAES, 2006, p.39).

A primeira manifestação, festa a São Benedito, segundo a tradição, foi realizada por escravos gratos por seus senhores terem dado autorização para a criação da IGSBB, se dirigiram à frente da casa de seus senhores e ali dançaram. Segundo Moraes (2006, p.40) somente mais tarde, receberia o nome Marujada.

Imerso de forma indiscutível na Festa do Glorioso São Benedito, está o sujeito da nossa pesquisa: a Marujada. Por sua vez é realizado por meio da IMSBB, com sede

situada na Travessa Cônego Miguel – Centro, Teatro Museu da Marujada – TMM na cidade de Bragança.

A festividade de Marujada de São Benedito é um evento cultural que ocorre desde 1798, completando 220 anos em 2018. Há referências que indicam que, desde 2009, essa festa foi declarada Patrimônio Imaterial Cultural e Artístico do Pará, através da Lei número 7330. No entanto, uma pesquisa mais recente no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) revelou que a Marujada de São Benedito ainda está em processo de instrução para ser oficialmente registrada como bem imaterial.

Esse processo de registro, embora não concluído, não diminui o valor e a importância da festa para seus participantes, que incluem tanto os moradores de Bragança quanto visitantes de outras partes do Pará, do Brasil e até do exterior. Durante o período da festividade, a cidade se torna um ponto de encontro vibrante, atraindo pessoas de diversos lugares que vêm para celebrar e vivenciar a riqueza cultural desta tradição secular.

A celebração da Marujada é mais do que um evento local; ela representa um elo vital entre passado e presente, um testemunho da resiliência e continuidade das tradições culturais da região. A festa não apenas fortalece a identidade cultural dos bragantinos, mas também promove o intercâmbio cultural, ao receber visitantes que, ao se integrarem às comemorações, contribuem para a diversidade e riqueza da experiência festiva.

Além disso, o reconhecimento oficial como Patrimônio Imaterial pelo IPHAN é um passo importante para a preservação e valorização dessa manifestação cultural, garantindo que futuras gerações possam continuar a desfrutar e a participar dessa importante expressão de herança cultural.

As pessoas que participam da festa ou é por devoção, ou os que apreciam a arte cultural, ou simplesmente pesquisam o campo histórico, social, antropológico ou científico dos estudos da religião, como é este caso, podem participar da festividade anualmente.

Considerações Finais

No processo de construção social, é crucial reconhecer que a objetividade do mundo social se apresenta ao homem como algo externo a ele. Assim, podemos entender que o ser humano é capaz de criar uma realidade que o contradiz. Esse mesmo indivíduo é o criador de um mundo que é percebido como seu produto, e a atividade humana é vista como um reflexo de processos que não são humanos. (BERGER, 2014).

A produção de sinais humanos, conhecida como "significação" pelos autores, é considerada um aspecto crucial da objetivação. Um elemento, objeto ou instrumento de uso comum na sociedade, como uma arma, que originalmente serve para a caça de animais, pode adquirir novos significados. Por exemplo, pode se transformar em um símbolo de agressividade e violência, dependendo do contexto em que é utilizado. A significação de um objeto varia de acordo com seu uso em diferentes atividades sociais e religiosas.

Esse processo de significação é essencial para compreender como os objetos podem ter múltiplos significados e como esses significados mudam com base em contextos culturais e sociais específicos. Por exemplo, enquanto uma arma pode ser

vista como uma ferramenta para caça em uma comunidade, em outra, pode ser percebida como um emblema de poder ou um instrumento de violência.

Essa capacidade de os objetos assumirem diferentes significados é um reflexo da dinâmica da atividade humana. É por meio dessas significações que as culturas expressam suas normas, valores e crenças. Assim, compreender a significação é fundamental para entender as interações humanas e as diversas formas como a realidade social é construída e interpretada.

A significação não apenas reflete a utilidade prática dos objetos, mas também revela as camadas simbólicas e os valores atribuídos a eles pelas sociedades. Este processo dinâmico de significação e ressignificação é central para a análise antropológica, destacando como os significados atribuídos a objetos evoluem e se transformam ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais.

O instrumento rabeça passa claramente por um processo de significação na Marujada. Desde a fabricação, como um instrumento musical de valor e representação singular e particular dos mestres, até a representação cultural plural de forma ordenada, seus elementos de formulação até a sonoridade e apresentação na festa, onde é respeitada como a *arma* ou a *voz* da Marujada.

Foi produzida no decorrer dos tempos da festividade a significação que a rabeça marca a Marujada, como afirmam a maioria dos entrevistados a respeito da possibilidade de desvincular, retirar a rabeça da festividade, ou de atrelá-la a outra festa religiosa. Os demais instrumentos, tanto percussivos quanto harmônicos, são ofuscados diante da presença da rabeça, outros que tentam ingressar no campo musical da Marujada, como o violino e o violão, precisam aos poucos passar por um processo que pode ser interpretado como um pedido de licença cordial para adentrar a parte musical da Marujada, mesmo sendo claro a impossibilidade de assumirem o seu lugar de destaque entre os instrumentos na festividade. É bem compreensível que este processo não seja tão simples de ser absorvido por todos em seu aspecto subjetivo objetivado por meio da significação, pois existe uma "grande imprecisão entre o uso instrumental e o uso significativo de certas objetivações".

O uso instrumental é mais simples de ser percebido. No caso da rabeça, este uso instrumental envolve sua fabricação e utilização como um instrumento musical melódico, estruturalmente similar ao violino. É nessa perspectiva que muitas pessoas conseguem entender sua função básica e técnica.

No entanto, o uso significativo, ou a significação, vai além dessa compreensão técnica. Ele se manifesta quando a rabeça é tocada na Marujada pelos músicos rabequeiros e é compreendida por estes músicos, pelos mestres artesãos que a confeccionam, e pela Irmandade de São Benedito de Bragança (IMSBB) como um instrumento indispensável na festividade. A rabeça adquire uma dimensão simbólica e cultural, sendo vista como a "voz da Marujada".

Essa significação é fundamental para a identidade cultural da comunidade, pois a rabeça não é apenas um objeto sonoro, mas uma representação viva da tradição e da história da Marujada. Ao ser tocada, ela evoca memórias, celebra rituais e reforça os laços comunitários. Os rabequeiros não estão apenas tocando um instrumento, mas estão participando de uma prática cultural rica e significativa, transmitida de geração em geração. A presença da rabeça na festividade é um testemunho da resiliência e da continuidade das tradições culturais.

Além disso, essa distinção entre o uso instrumental e o uso significativo ressalta a importância de compreender os objetos culturais em seus contextos sociais e simbólicos. Ao reconhecer a rabeca como a "voz da Marujada", estamos reconhecendo o valor da cultura imaterial e a profundidade das práticas culturais que moldam a identidade e o patrimônio de uma comunidade. Este reconhecimento é essencial para a preservação e valorização dessas tradições, assegurando que continuem a ser vivas e relevantes para as futuras gerações.

Tanto o uso instrumental como significativo podem conduzir um processo de compreensão cultural e religiosa a respeito da rabeca. É possível compreender ou assimilar apenas uma forma de uso. Desta forma, a não compreensão em relação à Marujada ser também uma festa ao sagrado e não simplesmente uma parte profana da festa de São Benedito, ou compreender que a rabeca não faz parte simplesmente de uma cultura material, mas adentra a esfera da festa religiosa pela significação. Sendo assim, a rabeca é um elemento muito relevante da cultura religiosa dentro da Marujada.

Referências

ALIVERTI, Mavilda. A rabeca na Marujada de Bragança-Pa: o impacto de uma pesquisa institucional em uma prática musical. 2011. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

ANUÁRIO DO PARÁ 2018-2019. Jornal Diário do Pará. v.9, n.9, Belém: Jornal Diário do Pará, 2018.

BARBOSA, Virgínia. Rabeca. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2013.

BERGER, Peter Ludwig. *O Dossel Sagrado*. 1985.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. *A construção Social da Realidade*. 2014.

BRANDÃO, Ascânio. São Benedito: o Santo Preto, 1989, p.4. Termo utilizado para referir-se a São Benedito, ligado diretamente à sua cor de pele.

LE MOS, F. C. S.; MORAES JR, Manoel Ribeiro. O grupo como dispositivo ético, estético e político de governo de si e dos outros. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 13, p. 224-231, 2023.

MORAES, Maria José Pinto da Costa de; ALIVERTI, Mavilda Jorge; SILVA, Rosa Maria Mota da. Tocando a memória: rabeca. Belém: IAP, 2006.

SARAIVA, Ozian. A rabeca da marujada bragantina: ethos religioso e biocultural. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.

SILVA, Dival Brandão da. Os tambores da esperança: um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na Festa de São Benedito da cidade de Bragança. Belém: Falangola, 1997.

SILVEIRA, Emerson Sena; MORAES JÚNIOR, M. R. A Dimensão Teórica dos Estudos da Religião Horizontes Histórico, Epistemológico e Metodológico nas Ciências da Religião. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.